

Tradição e ruptura: a representação do feminino nas tirinhas da Mafalda a partir de uma análise materialista do discurso

Vanessa Alves de **ARAÚJO***
Alan Lobo de **SOUZA****

*Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). vanessaaraujophb@gmail.com

**Doutor em Linguística (Unicamp). Professor Adjunto-II na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). alan.lobo@prp.uespi.br

Resumo:

O presente trabalho objetiva analisar o funcionamento do discurso feminista nas tirinhas da Mafalda, do cartunista Quino. A análise busca compreender como são produzidas as diferentes posições assumidas pelas personagens Mafalda, Raquel (sua mãe) e Susanita (sua amiga). Para tanto, analisaremos duas tirinhas, a fim de descrever e compreender os efeitos de sentido que produz. Esse trabalho apoia-se na Análise materialista do discurso, difundida no Brasil a partir dos trabalhos de Orlandi (1999). Após as análises, concluímos que o posicionamento mobilizado por Mafalda se diferencia dos discursos da amiga Susanita e da mãe, Raquel. Mafalda mobiliza falas que produzem *efeitos de resistência* diante das práticas do patriarcado, sendo interpelada pelo movimento feminista que circulava nas décadas de 1960 na América. No caso de Susanita, seus posicionamentos ocasionam o *efeito de resignação* frente às práticas discursivas do patriarcado, o que reflete o modo como se comporta frente ao feminismo. Já as falas de Raquel são caracterizadas por um *efeito de descoberta*, na medida em que se dá conta do conflito entre o lugar social que ocupa e as posições que poderia ter assumido socialmente.

Palavras-chave: Análise do discurso; tirinhas da Mafalda; mulher.

Tradição e ruptura: a representação do feminino nas tirinhas da Mafalda a partir de uma análise materialista do discurso¹

Vanessa Alves de Araújo
Alan Lobo de Souza

INTRODUÇÃO

A personagem Mafalda, criada pelo cartunista Quino, é uma personagem bastante reconhecida por apresentar posicionamentos considerados à frente de seu tempo, na medida em que faz questionamentos e promove reflexões sobre diversos temas sociais envolvidos em acirradas discussões. Dentre esses assuntos abordados, Mafalda se mostra contrária ao conservadorismo associado à figura feminina nas décadas de 1960 e 1970. Partindo disso, a jovem, ao perceber que sua mãe, Raquel, é atravessada por práticas ditas tradicionais associadas à figura da mulher, confronta o comportamento da mãe, que abandonou os estudos para se dedicar à vida de dona de casa e se anulou para caber àquela realidade.

Outro recorte que propomos analisar diz respeito aos diálogos estabelecidos entre a garotinha e Susanita, sua amiga, esta que expõe o desejo em casar-se, ter filhos, ao mesmo tempo em que acredita que deverá ser totalmente submissa ao marido, defendendo que a mulher deve servir ao homem e depender financeiramente dele, mostrando-se contrária a qualquer movimento social que ameace romper com tal ideologia. Trazendo para os dias atuais, ao refletirmos sobre o conservadorismo e machismo impostos sobre a figura feminina ao longo da história, ainda notamos esses comportamentos quando são discutidos os lugares sociais que as mulheres devem/podem assumir na sociedade.

Apesar das condições de produção dos discursos utilizados nas tirinhas refletirem os posicionamentos sociais das décadas de 1960 e 1970 na Argentina, o assunto ainda merece ser discutido, pois continua sendo um problema atual, uma vez que a luta pelos direitos das mulheres continua produzindo efeitos de sentido alinhados com a conjuntura do momento em que são lidos. Exemplo disso são as tirinhas em que Raquel, mãe de Mafalda, se mostra atravessada por comportamentos e discursos conservadores, porém, ao mesmo tempo, mostra-se reflexiva quanto à sua posição como mulher e os rumos que a vida tomou, elementos centrais que serão explorados na análise.

Atualmente, ainda é possível encontrar postos de trabalho que oferecem atribuições salariais distintas entre homens e mulheres, mesmo com ambos desempenhando as mesmas funções. Ademais, também é presente a violência física como uma forma de repressão da liberdade feminina, em que o homem age sobre a mulher, tendo em vista que a sociedade ainda manifesta fortes características baseadas em ideologias dominantes seculares, motivados por ideais machistas/patriarcais que ressaltam a desigualdade entre os gêneros. Diante das informações apresentadas, propomos a seguinte questão norteadora: como e quais os efeitos de sentido são produzidos nas tirinhas da Mafalda quando são mobilizadas práticas discursivas que simbolizam diferentes efeitos de sentido sobre “ser” mulher?

¹ Revisado por: Antonia Isla Ximenes Cavalcante.

Para responder à tal problemática, optamos por selecionar duas tirinhas produzidas por Quino considerando um duplo recorte: (i) as condições sócio-históricas em torno das disputas de sentidos produzidos por discursos que representam diferentes lugares sociais associados à mulher; e (ii) a regularidade discursiva simbolizada por duas posições discursivas distintas em torno do papel da mulher na sociedade, o que possibilita montar o *corpus* discursivo apenas por duas tirinhas, haja vista que o que está em jogo é a sua representatividade enquanto materialização de duas ideologias. Visamos, com isso, descrever como são formuladas e como se constituem os discursos das personagens femininas nas tirinhas em relação à posição da mulher na sociedade.

O aparato teórico mobilizado diz respeito à Análise do Discurso Materialista (doravante AD), que, desde sua fundação na França, tem se desenvolvido contundentemente desde a década de 1980 no Brasil. Para tanto, mobilizaremos como lastro teórico as contribuições de Pêcheux (1975) e Orlandi (1999), que consideram elementos como *ideologia*, *interdiscurso* e *condições de produção* como elementos fundamentais para a compreensão do funcionamento discursivo em análise.

TRADIÇÃO E RUPTURA NAS TIRINHAS DA MAFALDA

O período de criação das tirinhas de Mafalda ocorreu nas décadas de 1960 e 1970 na Argentina, momento em que aconteciam diversos movimentos sociais, o que contextualiza e esclarece suas *condições de produção* das tirinhas (Silva, 2012). Cosse (2014) aborda que as relações familiares eram influenciadas por ideias de cunho ideológico, religioso e até mesmo político, que colocavam sempre a figura masculina como centro de uma família, enfatizando a ideia do poder patriarcal, que consequentemente estabelecia a desigualdade entre gêneros.

Bourdieu (2002) elucida que, interpelados por determinações antropológicas e até mesmo cosmológicas, a construção social dos corpos teve grande contribuição no que se refere às desigualdades atribuídas aos sexos, uma vez que o homem sempre foi colocado como topo de ambas as categorias por suas características físicas, associadas à um sistema de oposições homólogas.

O sociólogo argumenta que:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo em estado objetivado das coisas (na casa, por exemplo, cuja parte das coisas são todas “sexuadas”), em todo mundo social e, em estado incorporado, em corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (Bourdieu, 2002, p. 4).

Essas informações ressaltam ainda mais a centralidade existente em relação ao sexo masculino, peculiaridade que era passada de geração a geração. De acordo com Bourdieu (2002 [1930]), a ideia defendida era que o homem “é quem supera o interesse da família em prol da sociedade e lhe abre um futuro cooperando para a edificação do futuro coletivo [...]. A mulher está voltada à perpetuação da espécie e à manutenção do lar, isto é, à *imanência*” (Bourdieu, 2002, p. 169), características que restringem a figura feminina a uma única realidade por ser subestimada, moldando os discursos sociais de acordo com o que era considerado correto ideologicamente diante do patriarcado. Outrossim, o filósofo diz que “as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou aumento do capital simbólico em poder dos homens” (Bourdieu, 2002, p. 27), com isso, as figuras femininas eram utilizadas, até mesmo, como moeda de troca para constituir alianças entre famílias.

Não por acaso, Rousseau (1999, p. 370) afirma que cabia à mulher educar os homens, ou, de maneira direta: “agradá-los, ser-lhes útil [...], educá-los quando jovens, cuidá-los quando adultos, [...], consolá-los, torna-lhes a vida útil e agradável - são esses os deveres das mulheres em todos os

tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância”, ideias que reforçam o que seria, nesta concepção, a realização dos “direitos naturais” destinados às mulheres, desmerecendo a força e as inúmeras qualidades femininas, ao tentar limitá-las às funções que giravam em torno dos homens.

O funcionamento dos discursos conservadores é observado, como veremos mais à frente, em posicionamentos das personagens Raquel, mãe de Mafalda, ao aceitar tudo aquilo que lhe era imposto, concepção baseada no patriarcado que influenciava fortemente a ideologia da época, moldando não somente a forma de pensar, mas os dizeres e comportamentos a serem seguidos pelas mulheres. É o que ocorre nas falas de Susanita, que, em várias tirinhas, descreve a vontade de crescer para se casar e cuidar do marido, do lar e dos filhos, fazendo várias críticas às mulheres que lutam pela igualdade de gêneros, que “ameaçam”, de certo modo, romper com o tradicionalismo ideológico associado à mulher, ideologia essa que possivelmente lhe era passada em seu meio familiar. Nesse caso, ambas as personagens, Raquel e Susanita, são interpeladas pelo discurso do patriarcado, embora produzindo efeitos distintos, como veremos na análise.

Essas práticas são motivadas principalmente pela Família, Igreja e Escola, o que seriam os Aparelhos Ideológicos do Estado (doravante AIE) apresentados por Althusser (2003) que, de acordo com o filósofo, funcionam como aparelhos de censuras, com base na ideologia. Este recurso (ideologia) é definido como a “representação da relação imaginária dos indivíduos com as suas condições de existência” (Althusser, 2003, p. 77), elemento que mobiliza os sujeitos e os grupos sociais a agirem a partir de determinadas regras, de acordo com aquilo que caracterizam como o mais “correto” a ser seguido, diante da classe dominante.

É nesse sentido que os AIE possuem “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (Althusser, 2003, p. 43), isto é, está sob o domínio privado e segue influenciando nos posicionamentos sociais por meio de instituições. Outra forma de repressão apresentada por Althusser (2003) são os Aparelhos Repressivos do Estado (ARE) que atuam diante da violência, ou seja, por meio da polícia, do exército, dentre outras instituições públicas, atuando, assim, como instrumentos de suporte às práticas simbólicas de violência perpetradas pelos AIE.

Nesse contexto, a mulher se apresenta como um ser sem autonomia, pois é silenciada pelo sistema/ideologia patriarcal, que, por essa figura não se mostrar interessada diante de outras perspectivas de futuro ou funções além dos afazeres domésticos, principalmente, após o casamento, acaba sujeitando-se a uma vida monótona, cheia de restrições conjugais, favorecendo atenção excessiva ao marido. Com isso, a mulher é vista como uma pessoa sem habilidades suficientes para participar ativamente de assuntos sociais, pois segundo a concepção masculina ainda vigente nas décadas de 1960 e 1970, a natureza feminina a impede de ir além dessas práticas.

Mais recentemente, Lerner (2019) reforça que “foi a hegemonia masculina sobre o sistema simbólico que mais decisivamente deixou as mulheres menos favorecidas” (Lerner, 2019, p. 272), processo que infelizmente as prejudicou (e prejudica) por muito tempo, ao longo da história, auxiliando na construção da imagem e identidade feminina construída com influências do sistema patriarcal, em que a mulher era educada com o objetivo de satisfazer os homens em diversos contextos, enquanto a figura masculina era educada com o objetivo de dominar sempre. Trazendo para os dias de hoje, apesar dos tempos serem outros, infelizmente, muitos homens ainda se acham donos ou superiores às mulheres.

Dito isso, compreendemos que a mulher vem sendo reprimida, calada, subestimada e violentada há bastante tempo. Ações que partiram de ideologias conservadoras machistas, com base no patriarcado, em que muitos desses discursos ainda são perceptíveis atualmente. Portanto, esse sistema visto como dominante (patriarcal) deixou um legado negativo para as mulheres e ainda continua a fazer vítimas. Esse funcionamento é historicizado nas tirinhas, formuladas em meio aos discursos.

DISCURSO E EFEITOS DE SENTIDO

Em meio aos estudos de Pêcheux (1990), o filósofo conceitua o discurso como uma manifestação ideológica. Segundo o pesquisador francês, o sujeito é atravessado por ideologias, o que significa que suas ideias e manifestações são fortemente influenciadas pelas ideologias predominantes na sociedade sem que se dê conta de tal funcionamento. Com isso, a língua, nesse caso, é entendida como um processo que permeia todas as áreas da sociedade, atuando como um veículo para a disseminação ideológica, que molda a forma como as pessoas pensam e se comunicam (Pêcheux, 1990).

Orlandi (1999) também corrobora com a discussão ao sugerir que o discurso não compreende uma simples mobilização de palavras, mas uma produção de sentidos que ocorre dentro de um contexto específico. Esse contexto é influenciado por fatores sociais e históricos, bem como pelas condições em que o discurso é produzido, ou seja, os sentidos produzidos por um discurso são determinados pelas circunstâncias em que é produzido, isto é, o ambiente social e histórico em que se insere, características chamadas de *condições de produção* (Pêcheux, 1975). Sobre isso, Orlandi defende que:

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua, discurso e ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (Orlandi, 1999, p. 17).

Compreendemos, a partir das informações expostas, que o discurso é um sistema complexo e que não age de maneira isolada, estando entrelaçado à língua e ideologias que permeiam um sujeito. Dessa forma, a memória discursiva, o já dito, assume um papel relevante, na medida em que auxilia na significação durante os processos interativos, resgatando informações do inconsciente coletivo, processo designado por Michael Pêcheux (1975) como *Interdiscurso*. Esse termo foi usado primeiramente pelo linguista em seu livro intitulado *Semântica e Discurso* (Pêcheux, 1975), assim traduzido no Brasil, que faz referência às ideias *já-ditas*, *alhures* em algum momento e que são retomadas e utilizadas para a formação de outros discursos de modos relativamente distintos, isto é, (res)significando-os. Orlandi (1999) também corrobora com esse ponto de vista ao afirmar que:

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele (Orlandi (1999, p. 30).

Tal tese compreende que não somos donos de nossos dizeres, uma vez que o ser humano é atravessado pelos discursos do outro. Com isso, cada enunciado não apresenta significados próprios, imanentes às palavras, mas construídos pelo atravessamento histórico (por esse motivo, é compreendido como sujeito), determinados pelo *interdiscurso*.

Pêcheux (1975, p. 167) acrescenta que o *intradiscurso*, que se “articula com co-referência” ao *interdiscurso*, é organizado como eixo horizontal, de formulação discursiva, mediante às condições dadas. Assim, no *intradiscurso*, os dizeres são construídos, de modo que:

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da realidade (formulação). É desse jogo que se tiram os sentidos (Orlandi, 1999, p. 31).

O *intradiscurso* atua em virtude do *interdiscurso*, permitindo observar, não só o funcionamento dos “dizeres”, mas também o papel da memória durante esse percurso. Nessa conjuntura, o *interdiscurso*, para Orlandi (1999), trata-se de um elemento “[...] da ordem do saber

discursivo, memória afetada pelo *esquecimento*, ao longo do dizer” (Orlandi, 1999, p. 32). Este *esquecimento* é relevante para se entender a produção de sentidos discursivos. Nesse aspecto:

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade. Essa é a determinação necessária para que haja sentidos e sujeitos (Orlandi, 1999, p. 33-34).

Orlandi (1999) discute acerca da relação entre linguagem, pensamento e mundo, enfatizando as particularidades que moldam a produção de sentidos nos estudos pecheutianos. Para ela, não se trata de um processo fechado, mas subjetivo, uma vez que a língua é entendida como acontecimento em que o sentido e a forma são diretamente relacionados e indissociáveis, compreendendo os sujeitos e as posições que ocupam diante da enunciação.

Partindo disso, a pesquisadora defende que o discurso é melhor explorado ao dar visibilidade inicialmente às *condições de produção* que determinam e possibilitam o funcionamento discursivo, conceito compreendido por Orlandi (1999) como elementos que associam o sujeito ao meio em que está inserido, observando as circunstâncias dadas no momento de produção de algum discurso, características que auxiliam a entender o funcionamento discursivo e a materialização da ideologia. Assim, conceitos como *condições de produção* e *interdiscurso* serão elementos teóricos fundamentais para compreendermos como se dá a representação do feminino no *corpus* que aqui propomos analisar, como veremos já na seção seguinte.

ANÁLISE

Como dito na primeira parte deste artigo, nossa análise parte da seguinte questão norteadora: como e quais os efeitos de sentido são produzidos nas tirinhas da Mafalda quando são mobilizadas práticas discursivas que simbolizam diferentes efeitos de sentido sobre “ser” mulher? Tal problemática implica a própria composição do *corpus*, na medida em que para responder à tal problemática, optamos por selecionar duas tirinhas recortadas em torno da representação da mulher nas décadas de 1960 e 1970 e que apresentam uma regularidade discursiva simbolizada por duas posições discursivas distintas em torno do papel da mulher.

Para tanto, analisaremos nosso *corpus* considerando teoricamente as tirinhas enquanto *sequências discursivas* (doravante SD), definidas por Courtine (2009) como sequências simbólicas que se repetem em meio aos discursos, considerando tanto aspectos verbais quanto não-verbais. A definição de Souza (2023) que compreende as SD como “materialização do interdiscurso processada no eixo da formulação, o intradiscurso” (Souza, 2023, p. 9) reforça a leitura teórica sobre o *corpus* que aqui propomos, na medida em que este passa a ser considerado no modo como se constitui em meio às suas condições de produção da época já trabalhadas no início do artigo.

Susanita e Mafalda

A primeira tirinha a ser analisada, a SD1, corresponde a uma conversa desenvolvida entre a personagem Mafalda e sua amiga, Susanita, aparentemente, em um ambiente público, assim como exposto logo abaixo:

SD1- A mulher segundo Susanita



Fonte: Quino (2010, p. 217).

Susanita comenta o modo como a mulher é vista pelos homens, como um ser “inferior”, palavra que aparece em itálico, chamando a atenção do leitor. Como resposta, Mafalda tenta justificar, ainda no primeiro quadrinho, que esse imaginário social acerca da figura feminina ocorre porque o homem geralmente a associa somente aos trabalhos domésticos que nunca foram valorizados ou vistos como relevantes para que alguém se destacasse na sociedade.

A fala de Mafalda é atravessada pelo *discurso de resistência* (Marques; Oliveira, 2012), uma vez que simboliza a tentativa de conscientizar a amiga sobre percepção de inferioridade da mulher em comparação ao homem, visando romper com a problemática e estimular a insatisfação de Susanita diante daquela realidade. Entretanto, do primeiro para o segundo quadrinho, há uma *quebra de expectativa* (Carriere, 2004), ou, uma ideia esperada, no entanto, não correspondida, no que se refere aos posicionamentos de Susanita, uma vez que, apesar de sua expressão de inconformidade no primeiro quadrinho com a ideia de inferioridade feminina, a amiga de Mafalda surpreende ao mudar sua fala e confrontar a protagonista diante de sua resposta.

Nesse momento, no segundo quadrinho, Susanita afirma que as mulheres, na verdade, foram criadas para executar tais tarefas a elas designadas ideologicamente pelo sistema patriarcal, como cuidar de casa, dos filhos, dentre outros, e por isso, a figura feminina que não desempenha essas práticas é caracterizada como “menos mulher”. A palavra “menos” é grifada em destaque, com letras maiores quando comparadas às demais utilizadas no restante da conversa. Esse aspecto chama a atenção do leitor diante do posicionamento de Susanita, uma vez que o discurso utilizado pela garota produz um *efeito de resignação* diante da temática discutida: sua fala parafraseia ideologias machistas pela personagem. Dito de outro modo, a fala de Susanita simboliza ideias estabelecidas pelo patriarcado que ainda ressoam na sociedade, pois a jovem propaga as normas e práticas desse sistema. Essas especificidades acabam problematizando a conversa entre Susanita e a protagonista, pois o posicionamento de Mafalda é interpelado por ideologias feministas que se opõem às falas ditas por sua amiga.

O diálogo se estende e, no terceiro quadrinho, a protagonista faz um questionamento à Susanita, ao dizer: “Então, uma mulher que tem cozinheira, lavadeira, arrumadeira e tudo é pouca mulher?”, pergunta que reforça a desaprovação de Mafalda diante da amiga. Como resposta, no quarto quadrinho, Susanita afirma que “Uma coisa é a mulherice, a outra é o status”, inclusive, sendo a palavra “status” apresentada com letras em itálico, ganhando destaque em meio à frase. Desse modo, a fala de Susanita motiva o funcionamento do humor, por se tratar de um discurso feminino com aspectos machistas. Isto é, Susanita parte de atitudes com ideais revolucionários ao contestar a definição de inferioridade dada às mulheres.

Contudo, a personagem mobiliza, posteriormente, discursos contraditórios com base no patriarcado ao defender, por meio de um jogo de palavras entre “status” e “mulherice”, que há distinções entre aquelas que são rotuladas como mulheres, mesmo que não assumam os papéis

sociais estabelecidos pela sociedade, sendo essa figura que a personagem considera “menos mulher” ou “mulher por status”. Por outro lado, Susanita associa a ideia de “mulher de verdade” ao termo “mulherice”, sugerindo que se trata da figura feminina que atua de acordo com as demandas originadas pelo discurso dominante (patriarcal).

Nesse recorte, “mulherice” aparece com o mesmo sentido que a palavra “*feminilidade*” abordada por Pereira (2019), pois ambos os termos fazem ressoar a crença de que as figuras femininas são destinadas a cumprir um papel determinado desde a infância, que incluem, ideologicamente, virtudes como o recato, a docilidade e uma disposição passiva para atender aos desejos e necessidades masculinas, seguidos pelos filhos, com o único espaço aceitável sendo o ambiente familiar. A ideia de *feminilidade* pressupõe que as mulheres devem conformar-se com os papéis que lhes são atribuídos, reforçando, assim, uma mentalidade sustentada pelo discurso conservador.

O termo “mulherice”, se analisarmos por meio de *paráfrases* (Orlandi, 1998), entendidas pela autora como “matriz do sentido”, compreendemos que este reproduz o ideal machista dos discursos que constituem a fala de Susanita. A enunciação da personagem poderia ser parafraseada de diferentes maneiras, como:

- (I) “Uma coisa é uma mulher que faz de tudo por seu marido, outra coisa é àquela que deseja ser chamada de mulher e não cumpre com suas ‘obrigações’”.
- (II) “Uma coisa é agradar seu marido fazendo suas vontades, outra coisa é rejeitar os papéis sociais dados à esposa, fazendo-a menos mulher”.

Diante dessa estabilização dos sentidos, consideramos que a resposta de Mafalda resulta em um *silêncio fundador/explicito* (Orlandi, 1992) configurado na ausência da linguagem verbal, que significa juntamente com o não-dito (Orlandi, 1992, 1999), produzindo o efeito de sentido de insatisfação (ou, descrença) da protagonista em relação ao que ouviu de sua amiga.

Na análise da SD2, observaremos que, diferentemente de Raquel, mãe de Mafalda, que foi instruída a conformar-se diante das imposições sociais estabelecidas pelo patriarcado, anulando-se, Susanita parece considerar o conservadorismo/machismo associados às mulheres como algo positivo, passando a defender as práticas coerentes com o discurso dominante ativamente. Há, aqui, o *efeito de verdade*, que, de acordo com Orlandi (1998, 1999), é o produto da ideologia, que faz com que os sentidos sejam admitidos como naturais. Todavia, é preciso dizer que, embora os posicionamentos das personagens sejam determinados pelo mesmo sistema de crenças (discurso patriarcal), aqueles atuam de modos distintos, tendo em vista não apenas os lugares sociais vividos por Raquel e Susanita, mas, sobretudo, as posições que assumem diante desse sistema, como veremos a seguir.

Raquel e a descoberta

A SD2 abaixo apresenta somente Raquel, mãe de Mafalda, desempenhando mais uma de suas rotineiras tarefas domésticas.

SD2 - As partituras de música



Fonte: Quino (2010, p. 348).

No primeiro quadrinho, a figura materna está em meio à limpeza da estante dos livros que se encontram empoeirados, características que se tornam visíveis partindo dos livros que estão localizados fora do lugar, seguidos de um pedaço de pano, para o auxílio na limpeza, enquanto está usando um avental, sentada no chão, especificamente, ao lado da estante, com o rosto sujo, cabelos desarrumados, mesmo que ainda estejam presos por uma faixa.

Raquel continua a limpar os livros, retirando-os do local em que estavam organizados, colocando-os sobre o chão, quando, no segundo quadrinho, tem uma surpresa, simbolizada pelo sorriso que aparece em seu rosto, seguida de uma afirmação: “Minhas partituras de música!”. Raquel encontra seu material de estudos musicais, dos tempos em que era uma criança. Nesse momento, parece ficar bastante nostálgica, emocionada com a descoberta, característica perceptível pela sua expressão facial, sobretudo, pelo olhar distante produzido na sequência da tirinha.

No terceiro quadrinho, Raquel permanece parada, com as partituras de música apoiadas sobre suas pernas, quando começa a refletir sobre sua infância e sua experiência com a música, de modo que aparece ainda com semblante de emoção ao dizer “Meus treze anos...! A professora Giambartoli. Coitada!... Ela achava que eu poderia ser uma grande pianista”. Esse trecho é constituído pela ausência de elementos sintáticos, assim observada pela presença das reticências, abrindo possibilidades do dizer, impondo um gesto de leitura que, para produzir sentidos, é necessário recorrer ao *interdiscurso* (Pêcheux, 1975), isto é, há a necessidade de que o leitor da tirinha faça associações por meio do resgate de já-ditos que circulam na sociedade perante situações de lembranças nostálgicas da infância, a fim de dar sentido ao que lê e vê até esse quadrinho.

No quarto quadrinho, Raquel continua a prática que desempenhava (da limpeza da estante e dos livros), processo que ocorre em meio ao *silêncio fundador/explicito* (Orlandi, 1992, 1999), partindo do não-dizer, ou ausência de palavras, que ainda consegue significar em meio ao contexto. Esse processo provoca uma reflexão, na medida em que a personagem se encontra pensativa sobre o que dissera e acerca de sua situação atual em comparação com as expectativas de sua antiga professora de música.

Ao final, a figura materna interrompe suas atividades, adotando uma expressão de tristeza e decepção ao indagar-se: "Coitada, ela?". Nesse momento, acontece uma situação inesperada: Raquel passa de uma figura saudosa e conformada com a realidade em que se encontrava para o “choque de realidade” que a fez compreender sua própria posição como mulher ao identificar o lugar social por qual transita como esposa, mãe e dona de casa. Então, aparenta ter refletido acerca das oportunidades que deixou de lado para seguir com as convenções sociais.

Contudo, no caso da professora de música, Giambartoli, o efeito que se produz é outro: além de ser mulher e desenvolver a atividade de professora de música, essa figura feminina diferenciava-se das demais, pois acreditava no potencial de Raquel na área musical, apesar desta não ter levado isso consideração no que se refere às escolhas que fez na vida. Há o registro

simbólico da resistência no ato da professora, que incentivava a sua aluna a investir em uma carreira na música.

O discurso mobilizado por Raquel, por sua vez, à vista da descoberta de suas partituras musicais, é caracterizado pelo conflito diante da posição que a figura materna sempre assumiu como mãe e dona de casa, que não confronta o que lhe é imposto e que raramente demonstra insatisfação quanto às funções que lhe são atribuídas. Em outras palavras, o questionamento e a reação de Raquel destacam a complexidade do seu entendimento em relação às expectativas sociais atribuídas às mulheres, revelando um momento de autodescoberta e confronto com as normas estabelecidas, produzindo um *efeito de descoberta*.

Nesta SD2, Raquel se conscientiza das escolhas que fez ao encontrar seu material de música, que tanto poderia mudar os rumos de sua vida e torná-la uma mulher com mais participação social, não mais uma figura submissa, cuidadora do lar, do marido e dos filhos. Isso é simbolizado na palavra "ela" que aparece em destaque, com as letras maiores e em negrito, levantando a reflexão no leitor sobre quem, de fato, poderia assumir o papel de "coitada": a professora tinha uma profissão, logo, "coitada" seria Raquel, a aluna que não ouviu a sua professora. Essa ênfase visual e verbal direciona a atenção do leitor para a atribuição do papel de "coitada" na SD2, desafiando as expectativas convencionais.

Raquel vê-se atravessada pelo discurso patriarcal, em meio às práticas discursivas conservadoras (ecoam em nossa sociedade paráfrases em torno de enunciações como "lugar de mulher é na cozinha, cuidando da família e da casa"), que a fez ser ensinada a seguir com práticas coerentes com esse sistema em seu meio familiar, apoiando-se no já-dito pelo patriarcado, que assume a função de dominador. Raquel defronta-se com a imagem de uma mulher acomodada, aquela que Mafalda hora e outra utiliza de palavras duras na tentativa de romper com esses comportamentos, como forma de "salvá-la" ou retirá-la da posição de vítima pacífica desse sistema, e, quem sabe, ter uma figura de quem se espelhariá?

CONCLUSÃO

Buscamos neste trabalho identificar os efeitos de sentido produzidos nas tirinhas de Mafalda, recortando processos discursivos que refletem posições e lugares sociais sobre o que é ser mulher. Intencionamos compreender como o imaginário social sobre a mulher é formulado nas tirinhas em meio a discursos dominantes de uma sociedade conservadora, pautada no sistema patriarcal, historicizado há séculos. Entretanto, no caso de Mafalda, a protagonista representa uma quebra de paradigma partindo do feminismo, movimento que ganhava força no período em que as tirinhas foram criadas, entre as décadas de 1960 e 1970.

A personagem central das tirinhas tenta romper com o conservadorismo/machismo ideológico associado à figura feminina, demonstrando resistência perante o sistema dominante (machismo/conservadorismo). Como analisamos, trata-se de uma prática discursiva sob a influência do patriarcado, e que, nas tirinhas aciona reiterados posicionamentos de *resistência* por parte de Mafalda.

No que se refere à Susanita, entretanto, compreendemos que a personagem, apesar de mencionar em suas falas (ver SD1) o peso das tarefas atribuídas às mulheres pelo sistema patriarcal diante de convenções sociais, ainda se mostra favorável a ele, comportamento que a faz rejeitar o feminismo ou qualquer outra ideia que possa contribuir para mudanças na sociedade. Posicionamento este que sublinha um *efeito de resignação*, na medida em que observamos a adesão

² Não raramente é possível encontrar tirinhas em que Mafalda demonstra descontentamento com os comportamentos que a mãe desempenha em casa, como limpar, passar, costurar. Nesses momentos, é possível ver que Quino explora o conflito, ao descrever Mafalda como leitora, questionadora, que vai até a mãe com o objetivo de encontrar cumplicidade, mas encontra uma mulher que ocupa um lugar e uma posição de submissão que ela tenta combater.

aos discursos conservadores e machistas, demonstrando uma negação às transformações sociais que confrontam suas crenças arraigadas.

No caso de Raquel, observamos que a personagem tem a sua fala constantemente atravessada pelos discursos do patriarcado e do conservadorismo. Com frequência, nas tirinhas, isso ocorre diante de questões sociais levantadas pela sua filha, que tenta conscientizá-la e provocar mudanças em sua realidade. Porém, em nossa análise (ver SD2), a figura materna se encontra sozinha, a revisitar uma lembrança e a produzir um posicionamento em conflito com o lugar social que ocupa (dona de casa), engendrando uma reflexão sobre o que queria ou poderia fazer de diferente em sua vida, produzindo o que chamamos de *efeito de descoberta*.

Observadas os três funcionamentos discursivos que atravessam o *corpus* analisado, compreendemos que, ao executarem gestos de leitura das tirinhas, os leitores frequentemente dirão que Raquel é vista como vítima da cultura patriarcal, ao se submeter aos padrões sociais e familiares predominantes, renunciando a sua própria voz e autonomia em favor do que é considerado tradicional e aceitável. Susanita, por sua vez, apresenta uma adesão ao sistema patriarcal atribuído ao fato de que a jovem se mostra contrária a qualquer prática em que a mulher não desempenhe um papel visto como legítimo, tradicional que, para Mafalda, será lido como submisso, à margem da figura do homem/marido.

Desse modo, chegamos à conclusão de que os posicionamentos assumidos pelas personagens produzem três efeitos de sentidos distintos em relação ao imaginário sobre a mulher: (i) o *efeito de resistência* em meio aos discursos mobilizados por Mafalda, que são atravessados pela ideologia feminista, fazendo com que a protagonista busque formas de romper com o sistema patriarcal; (ii) o *efeito de resignação* nos posicionamentos da Susanita, partindo da manutenção de ideologias conservadoras/machistas que interpelam os discursos da personagem, particularidades que a levam a rejeitar o feminismo por agir contra o patriarcado que a jovem tanto defende; e (iii) o *efeito de descoberta* que atravessa os posicionamentos de Raquel, quando essa se dá conta do lugar social que ocupa e do que poderia ter ocupado. Esses efeitos são recorrentes em outras tirinhas produzidas por Quino, configurando uma regularidade discursiva, na medida em que materializa práticas sociais, produzindo unidade, sob o efeito de evidência (como o caso de Susanita), mas também a inquietação e a ruptura, engendrando o embate e a reflexão (como nos casos de Mafalda e Raquel).

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2002.

COSSE, Isabella. *Mafalda historia social y política*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

COURTINE, Jean Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; OLIVEIRA, Luciana de. Poder e Resistência: breve reflexão teórica sobre o papel do humor nos conflitos público-privado em contextos organizacionais. *C-Legenda*, Niterói, RJ, n. 26, p. 99-110, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. *Rua*, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 9-20, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640626>. Acesso em: 19 out. 2023.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1975.

PEREIRA, Fernanda. Feminilidade e feminismo: resistência ao controle patriarcal. In: TARANI, Ana Maria de Fátima Leme; BIZIAK, Jacob dos Santos; CATTELAN, João Carlos (org.). *Poder, dizer, resistir: ensaios em análise do discurso*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2019. p. 69-82.

QUINO, Joaquim S. L. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SILVA, Carla Letuza Moreira e. A emancipação feminina em Mafalda: uma análise discursiva de tiras. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, BA, n. 4, jun. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/160>. Acesso em: 27 jul. 2021.

SOUZA, Alan Lobo de. Quando o humor (não) é humor? uma análise dos modos de significar a universidade pública no discurso conservador. *Revista do GELNE*, Natal, RN, v. 25, n. 1, p. 1-16, jun. 2023. Dossiê temático: e31957.